

“MEMÓRIAS DO CÁRCERE”: REPRESENTAÇÕES DE UM BRASIL-PRISÃO.

Tania Nunes Davi.<sup>1</sup>

Esta apresentação faz parte da pesquisa produzida para a Dissertação de Mestrado que tem como problemática captar, desvendar e analisar as representações tecidas por Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos construídas no livro e no filme *Memórias do Cárcere*, num diálogo interdisciplinar com as propostas, conceitos e teorias da História, da Literatura e do Cinema.

O livro de Graciliano Ramos (lançado em 1953) é o seu testemunho sobre os dez meses em que esteve encarcerado nas prisões varguistas entre 1936 e 37, sem ter sido indiciado ou interrogado. Fazendo uso da literatura Ramos deixou um testemunho que abarca várias décadas da história autoritária dos governos brasileiros, pois sua obra transita pelos anos de sua prisão (a década de 1930) e pelos anos da escritura do texto (década de 1940 ao início de 50). Por sua vez, Nelson Pereira dos Santos, ao transpor em imagens as representações tecidas pelo escritor, representou tanto o tempo expresso no livro como a realidade autoritária e repressiva pela qual o Brasil passou nas décadas de 1960 e 70 e que estava em vias de abertura no início dos anos 80.

*Memórias* – o filme –, foi levado às telas em 1984 e tornou-se um sucesso de público e crítica, arrecadando vários prêmios em festivais de cinema internacionais.<sup>2</sup> A recepção de *Memórias*, em um momento em que o Brasil passava por uma fase de transição política, na qual nada ainda estava definido, foi enorme. Num período em que o cinema brasileiro levava cada vez menos espectadores às salas de exibição, o filme de Nelson Pereira conseguiu o feito de 1.5 milhões de espectadores em e críticas quase unânimes quanto a sua qualidade técnica e de interpretação.

Esta acolhida do público deveu-se, em parte, ao sucesso alcançado no exterior (o filme só foi lançado em Cannes e depois no Brasil) e, em parte, ao seu enredo que percorria parte da vida de um dos maiores escritores brasileiros, preso sem motivos oficiais e arrastado ao submundo das prisões varguistas, que nada mais eram que a representação das prisões do pós-64, nas quais se torturava física e psicologicamente intelectuais, militantes, estudantes e simpatizantes da esquerda que lutavam contra o arbítrio dos governos militares.

Nelson não construiu suas representações e relações entre o Estado Novo e os governos militares do pós-64 a partir do nada. A relação entre estes dois períodos foi tecida pelos militares na busca de engendrar um efetivo sistema de dominação, que passou necessariamente por mecanismos

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia – M.G.) e professora da FUCAMP (Fundação Carmelitana Mário Palmério – Monte Carmelo/M.G.).

<sup>2</sup> Ganhou o prêmio de melhor filme nos festivais de: Cannes – França (prêmio não-oficial concedido pela Crítica Estrangeira); Tashkent – Rússia; Havana – Cuba, em 1984. Por sua vez, Carlos Vereza ganhou o prêmio de melhor ator no Festival de Nova Délhi – Índia, em 1985.

que promovessem a legitimação do seu governo junto à população. Para tanto, os militares procuraram tecer uma relação ideológico-temporal que os ligassem a Vargas.

Tanto no governo Vargas quanto no dos militares do pós-64, existiam outras visões de mundo e projetos para o Brasil. Cada categoria social possuía seus objetivos e expectativas que foram silenciados e submergidos pelo projeto que se tornou hegemônico - o de Getúlio e dos militares. Essa diversidade de propostas aparecem em *Memórias* por meio das representações sobre vários temas e categorias sociais construídos por Graciliano, resgatados e (re)significados por Nelson Pereira.

Para melhor instrumentalizar nossa escrita, procuramos analisar as representações do filme e do livro a partir de determinadas categorias sociais neles presentes e de algumas temáticas básicas.<sup>3</sup> Esta atitude não buscou compartimentar as representações de Graciliano e Nelson, mas direcionar nossas investigações para aspectos essenciais que se fazem presentes na narrativa literária e fílmica de *Memórias do Cárcere* e que nos permitem (re)construir a sociedade brasileira dos períodos abordados.

Nesta apresentação concentraremos nossa análise no primeiro item das temáticas que abordamos, ao seja nas “Forças armadas: os militares de direita e de esquerda”.

Ora, Graciliano Ramos era francamente contrário ao envolvimento dos militares na vida civil do Brasil e considerava o “*exército uma inutilidade. Pior: uma organização maléfica.*”<sup>4</sup> Em diversas passagens de *Memórias* ele construiu suas representações sobre os militares enquanto corporação e indivíduos, fossem eles de esquerda, como os militares revoltosos do 3º Regimento de Infantaria, ou de direita, como os guardas das instituições penais.

Escrevendo dez anos depois dos acontecimentos, Ramos pôde utilizar toda a sua verve para compor os sujeitos militares sem medo de ser preso pelos asseclas de Getúlio, que já não estavam mais no poder. O escritor também tinha noção que a obra seria publicada postumamente<sup>5</sup>, em uma situação na qual mais ninguém poderia incomodá-lo caso cometesse alguma indiscrição ou fosse demasiadamente franco sobre algumas pessoas e acontecimentos.

Já Nelson, no início da década de 1980, ao começar a produção do filme, atuava em uma situação de transição política ainda não totalmente definida, na qual a possibilidade de censura total ou parcial de obra artística ainda era real. Talvez por isso o cineasta não tenha utilizado no filme alguns dos diálogos e frases do escritor sobre as Forças Armadas. Construções referentes aos

---

<sup>3</sup> Esquematizamos nossa análise da seguinte forma: 1) As forças armadas: os militares de direita e de esquerda; 2) Os presos: políticos e comuns (com os sub-itens: 2.1 - Os presos políticos: intelectuais, comunistas, operários sindicalizados e mulheres / 2.2 - Os presos comuns: malandros, ladrões e homossexuais) e 3) As organizações dentro das prisões: O Coletivo e a Rádio Libertadora.

<sup>4</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32ª ed., R.J.: Record, 1996, vol. I, p. 64.

<sup>5</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol. I, p. 35. As previsões de Graciliano mostraram-se corretas, na medida em que o livro só foi publicado pela Editora José Olympio após a morte do escritor, em março de 1953.

militares como sendo “*energúmenos microcéfalos vestidos de verde*”<sup>6</sup> que pautam-se pela obediência cega às ordens superiores ou como uma categoria que valia-se constantemente de “*demonstrações bestas de força*”<sup>7</sup> para impor-se aos paisanos, considerados como “*fracos e imóveis*”<sup>8</sup>, são constantes no livro, mas não aparecem textualmente no filme.

Apesar de buscar, de certa forma, amenizar os diálogos a respeito da categoria das Forças Armadas, Nelson também construiu representações sobre as ações mais repressivas dos militares. Essas foram tecidas por meio de diversos personagens, sendo que um dos principais é o personagem do anspeçada<sup>9</sup> Aguiar (interpretado por Jackson Arruda). Este personagem, o carcereiro dos presos da Colônia Correccional de Dois Rios, era um militar que abusava de sua posição de mando para oprimir os detentos, usando de coerção e violência para “mantê-los na linha”.

Numa das cenas mais marcantes do filme, Aguiar estava inspecionando os presos, todos cabisbaixos, braços cruzados, cabeças raspadas, enfileirados como se fossem um batalhão pronto para receber as ordens de seus superiores. Ele vai passando entre as filas e proferindo seu discurso fascista, com voz colérica, quase uma réplica exata do que se encontra no livro, deixando claro para todos os encarcerados que na Colônia não havia direitos, nem “*grandes*” e que eles não estavam ali para “*se corrigirem*”, mas “*para morrer*”<sup>10</sup>.

Graciliano Ramos passou onze dias na Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande – R.J. e, quando de lá saiu, espantou-se com sua aparência: “*Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados*”, havia se transformado em um “*vagabundo monstruoso*”.<sup>11</sup>

No filme a Colônia Correccional de Dois Rios ocupa um grande espaço, que é utilizado por Nelson para representar a face violenta dos governos militares do pós-64. As cenas da Colônia são fortes, marcantes e encerram em si os brados de centenas de brasileiros do pós-64 que foram torturados, mortos e “desaparecidos” pelo regime e que, como Graciliano Ramos, não foram indiciados ou legalmente sentenciados.

Como já dito, o cineasta não pode construir representações muito direcionadas sobre a violência dos militares. Isso não quer dizer que não tenha tecido algumas cenas em que o universo violento das prisões seja representado mais diretamente. No geral, suas cenas sobre o tema são sutis e cheias de respeito pelo sofrimento dos presos. Um respeito construído a partir da não banalização dos diversos tipos de violência que eles sofreram. Ao invés de mostrar de forma direta as cenas em

<sup>6</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32ª ed., R.J.: Record, 1996, vol. I, p. 51.

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol. I, p. 123.

<sup>8</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol. I, p. 313.

<sup>9</sup> Antiga patente militar, primeiro posto acima de soldado.

<sup>10</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Nelson Pereira dos Santos. R.J., Regina Filmes, L.C.Barreto e Embrafilmes: Sagres Vídeo e Rio Filme, 1984. 2 videocassetes (124 e 96 min.), som, color, 12mm. VHS, NTSC. Fita 02, 1:14.51 – 1:16.11.

<sup>11</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol. II, p. 191.

que se exercem torturas, Nelson optou por tomadas nas quais se entreve um preso enfaixado ou ferido, outros extremamente magros e doentes. Cenas que são aparentemente brandas, mas que apontam para um universo inteiro de “não-ditos” de “não-mostrados” e que levam o espectador a imaginar o que aconteceria por trás de um preso ferido ou enfaixado. Neste sentido, o cineasta segue de perto a narrativa de Ramos que não concentrou seu testemunho nas torturas da prisão, mas nos relacionamentos, nas histórias e nos acontecimentos vividos no período de encarceramento.

Poderíamos analisar várias cenas referentes a este tema, mas uma é privilegiada para pensarmos a violência e as arbitrariedades cometidas pelas forças militares dos dois períodos analisados. Nesta e em outras cenas a violência das prisões apresenta-se de modo mais direto, sem subterfúgios lingüísticos ou imagéticos por parte do escritor e do cineasta.

A cena analisada é o espancamento de um preso pelo anspeçada Aguiar.<sup>12</sup> Sem nenhum motivo aparente, o militar durante uma das “formaturas gerais” escolheu um preso e o espancou na frente dos outros. O preso - um negro - não reagiu, apanhou calado até que Aguiar se cansou de surrá-lo. Como outros tipos militares (re)construídos no livro e no filme Aguiar fez uma demonstração de força para mostrar aos novos detentos quem mandava, quem decidia qual preso viveria ou morreria. Uma cena na qual o cineasta representa os militares que, nos porões das prisões e dos quartéis, torturavam os presos políticos no pós-64. Poderíamos ainda questionar a utilização de um indivíduo negro na cena, remetendo a um imaginário que vislumbra no negro o “bandido” que “merece” um tratamento desumano apenas por causa de sua cor e condição sócio-cultural de suposta inferioridade frente à cultura hegemônica do branco.

Sem dúvida cenas como a acima descrita, ocorrida na Colônia, são as mais marcantes, mas ao longo do filme temos outros momentos que revelam o lado vingativo, arbitrário e violento de algumas facções das Forças Armadas. No entanto, se por um lado podemos perceber no livro e no filme o lado mais violento de alguns tipos militares de direita, existe ainda os indivíduos que mostram compaixão e humanidade, mesmo frente às atrocidades cometidas pelos seus pares. Ramos, ao (re)construir estes personagens, percebeu o inaudito de admirar-lhes os gestos humanos e apontou que “*se exibíssemos ao público as amabilidades imprevistas, acabaríamos por tornar a cadeia um lugar desejável, mostraríamos convívio infeliz com os nossos opressores*”, mas que também não poderia deixar de fazê-lo sobre pena de que a “*falta de sinceridade estragaria sem dúvida a história.*”<sup>13</sup> Daí não constranger-se em declarar que entre seus maiores amigos estava o Capitão Lobo – seu carcereiro quando esteve num Quartel do Exército em Recife.

O Capitão José de Figueiredo Lobo revelou-se como um indivíduo que, apesar de estar ligado a corporação, a obediência, ainda possuía capacidade de pensar e agir por si mesmo. Trocava

---

<sup>12</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 02 , 1:13.50 -1:14.15.

<sup>13</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32ª ed., R.J.: Record, 1 996, vol II, p. 211.

impressões com Ramos e sempre dizia respeitar-lhes as idéias apesar de não concordar com elas<sup>14</sup>. No filme o Capitão Lobo (interpretado por Davi Pinheiro) chegou a pedir um autógrafo do escritor em um exemplar de *São Bernardo*<sup>15</sup>.

Lobo foi protagonista de uma das passagens que Graciliano considerou mais embaraçosas e até inexplicáveis de sua vida. O escritor estava acostumado a tecer análises pessimistas sobre o caráter dos indivíduos já que, segundo ele, os homens não eram “*bons nem maus; julgava-os sofríveis, pouco mais ou menos razoáveis.*”<sup>16</sup> No entanto, não estava preparado para lidar com o oferecimento de ajuda de um quase estranho que, vendo-o partir numa transferência para lugar ignorado, ofereceu-lhe um empréstimo. O gesto do Capitão Lobo tocou o escritor e ele, apesar de recusar o oferecimento, viu-se forçado a repensar seus conceitos e perceber que a humanidade era, apesar de tudo, ainda capaz de “*verdadeira nobreza*”, de formas de “*sensibilidade curiosa*” para com o “outro”, para com um “adversário”.<sup>17</sup>

Nesta linha de militares que conseguem, enquanto indivíduos, agir com humanidade, há ainda o guarda da Enfermaria da Casa de Correção que prestou favores ao escritor. O guarda da Enfermaria, no filme denominado “Seu Braga”, permitiu que Ramos (interpretado por Carlos Vereza) tivesse um encontro íntimo com sua esposa - Heloisa Ramos (interpretada por Glória Pires). Alegando que estava velho, cansado e “*quase cego*”, indicou que não via se Heloisa estava no corredor e nem sabia “*se a porta estava aberta*” ou fechada<sup>18</sup>; atitude que permitiu ao casal alguns momentos de intimidade.

Gestos que, aparentemente, não continham segundas intenções a não ser a de ajudar outro ser humano mas que, talvez, refletissem o pensamento de outro militar que, indagado sobre a razão de dispensar amabilidades aos presos, argumentou: se amanhã arrebentasse uma revolução o ministério sairia do conjunto dos presos políticos e que já havia passado por isso antes, daí o seu interesse em tratar bem a todos.<sup>19</sup>

Este jogo de interesses aparece também nas falas do diretor da Colônia Correccional. O Dr. Sarmiento (interpretado por Nelson Dantas), ao saber que Ramos seria solto, por meio de um telegrama direto do Palácio do Catete, logo tratou de amenizar as atrocidades da Colônia. Suas falas remontam ao imaginário tecido pelos governantes do pós-64 e de Vargas, alegando não terem conhecimento dos desmandos cometidos pelos subordinados, isentando-se das responsabilidades, como se eles não soubessem, não compactuassem, não ordenassem as torturas, a violência física e psicológica a que os presos políticos estavam submetidos.

---

<sup>14</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32ª ed., R.J.: Record, 1 996, vol I, p.80.

<sup>15</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 01, 0:18.20 – 0:18.40.

<sup>16</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol I, p. 111.

<sup>17</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol I, p. 113.

<sup>18</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 02, 0:48.10 - 0:50.0.

<sup>19</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol II, p. 226-227.

O Dr. Sarmiento vai logo pedindo desculpas a Graciliano por não saber que ele “*era tão importante, espero que compreenda que cumpro o meu dever, apenas.*” E após devolver-lhe alguns objetos que haviam sido “confiscados” na secretaria, acompanhou-o até a saída e pediu-lhe que compreendesse a sua posição e não se esquecesse dele lá fora. Pedido ao qual Ramos rebateu dizendo que levava “*recordações excelentes, doutor... E ei de pagar um dia a hospitalidade que os senhores me deram*”. Indagado como pagaria, respondeu que iria escrever um livro “*sobre a Colônia Correccional. Os senhores me deram um assunto magnífico.*” Promessa que arrancou do Diretor a afirmativa furiosa: “*A culpa é desses cavalos que ficam mandando para cá gente que sabe escrever.*”<sup>20</sup>

Como qualquer agente da repressão, o Dr. Sarmiento tinha medo de como a história registraria suas ações; preocupando-se em passar a idéia que era apenas uma peça do sistema e que não tinha meios de resisti-lhe diretamente. Mesmo fazendo este discurso de “não sei de nada”, ele tem consciência da força potencial de um intelectual como Ramos que, ao prometer escrever sobre a Colônia, poderia desconstruir os discursos dos poderes, deixando o seu testemunho sobre o arbítrio.

Se por um lado os militares se portavam como carrascos irônicos ou violentos, por outro os presos não se submetiam aos desmandos sem resistência. Uma cena, dentre outras, é representativa da postura de resistência dos presos: a dos encarcerados durante a “comemoração” do aniversário do Dr. Sarmiento. Nesta cena, enquanto ouviam os discursos de Aguiar, do aniversariante e do padre Mangaratiba (interpretado por Fábio Sabag)<sup>21</sup>, os presos mantinham-se de braços cruzados, cabeça abaixada, como em todas as ocasiões de “formatura geral”, isso enquanto Aguiar e os outros guardas procuram convencê-los a se portar “normalmente”, afinal estavam em uma ocasião de festa e deveriam ficar “à vontade”, esquecendo-se das violências e das privações em nome de uma fachada de contentamento com o aniversário do diretor. Resistência passiva, mas que produz uma das cenas mais marcantes de *Memórias*, mostrando-nos que não é tão fácil, como gostariam os agentes da repressão de ambos os governos, submeter os “dissidentes”, os “subversivos”, seja pela força física ou psicológica ou pela bajulação pura e simples.

Outra faceta das Forças Armadas (re)construída por Ramos e Nelson Pereira é a dos militares revoltosos.

O contato maior do escritor com esta categoria deu-se no Pavilhão dos Primários, na Casa de Detenção – R.J.. Lá Graciliano Ramos travou contato com os militares do 3º Regimento de Infantaria que haviam envolvido-se na Intentona Comunista. Estes militares foram

*eliminados do exército, mas ainda vestiam fardas, guardavam hábitos da caserna;*

---

<sup>20</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 02, 1:58.17 - 2:02.17.

<sup>21</sup> As palavras do padre também exprimem ironia, pois ele dirige-se aos presos dizendo que “*Seria um enorme crime não amar a Deus aqui...*”(MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 02, 1:44.45 – 1:45.56), como se a Colônia Correccional de Dois Rios fosse uma colônia de férias organizada por alguma igreja.

*eram assíduos na ginástica, não se tinham eximido à hierarquia e à disciplina; deram-me a impressão de olhar os paisanos com desdém, julgá-los fracos e imóveis; o espírito de casta permanecia.*<sup>22</sup>

Eles podiam ter perdido a farda, mas ainda portavam-se e pensavam como militares e exigiam respeito dos “paisanos”, colocando “ordem” no Pavilhão dos Primários, organizando filas para receber comida, ocupando o espaço da Praça Vermelha para fazer ginástica, identificando-se pelas antigas patentes e propagando um “*patriotismo idiota*”<sup>23</sup> que silenciou os presos estrangeiros, como Rodolfo Ghioldi que promovia palestras sobre o comunismo no Pavilhão. Para Ramos “*a presença ruidosa dos militares perturbava o sossego dos homens de pensamento, e não quadrava aos operários.*” Categorias sociais com objetivos diferentes, com suas “*diferenças sociais, cultura e ignorância, profissões diversas*”, originando “*atritos, ofensas involuntárias*”<sup>24</sup> que fluíam de uma para outra.

Ramos protagonizou uma destas situações em que os atritos geraram ofensas de ambos os lados. Durante uma das filas de comida, ele pediu ao militar encarregado da sobremesa que entregasse-lhe duas laranjas ao invés de bananas. O oficial (chamado no filme de Capitão Jorge Siqueira), muito rudemente, não trocou a sobremesa e o escritor perdeu os estribos e, após xingá-lo, chamou-o de “*fascista*”. Posteriormente, o Capitão Aquiles Pompeu (interpretado por Fábio Barreto), repreendeu Ramos dizendo que chamar um militar de “*fascista*” era a maior ofensa que alguém poderia fazer e que Graciliano deveria pensar nisso. A que o escritor respondeu, ainda irado:

*— É eu não pensei. Realmente eu não pensei, eu devia ter pensado. Um oficial do exército, sim senhor. Claro, você também é um oficial do exército e na sua presença devemos ficar firmes, batendo continência, posição de sentido, somos cabos. “Pronto, senhor capitão!” É o que vocês desejam, fascistas...capitães... Vocês são todos fascistas.*<sup>25</sup>

Nestas frases podemos captar representações de como Ramos e muitos outros indivíduos em 1930 e no pós-64 se sentiam em relação aos militares – forçados, na maioria das vezes pelo terror ou pelo temor, a portarem-se como subalternos, atendendo as solicitações dos superiores. Os militares tendem a agir arbitrariamente e autoritariamente, desejando que todos os civis lhes “*batam continência*”. No entanto, a resistência civil no pós-64 e no período do governo Vargas não foi aniquilada, pelo contrário, manteve-se ativa, seja por meio de ações violentas como as guerrilhas urbanas e rurais ou pelas produções culturais, como músicas, peças de teatro, filmes, charges e outros.

<sup>22</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 32ª ed., R.J.: Record, 1996, vol I, p. 312-13.

<sup>23</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol I, p. 316.

<sup>24</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., vol I, p. 317.

<sup>25</sup> MEMÓRIAS do Cárcere. Op. cit., fita 02, 0:43.02 - 0:44.45.

As representações sobre a categoria militar em *Memórias do Cárcere* apontam para a desconstrução de um imaginário que os define como um grupo monolítico que professaria visões de mundo e projetos homogêneos. O que captamos no livro e no filme é justamente o contrário. Os militares, como qualquer categoria social, possuem no seu interior, diversos projetos; vez por outra um emerge e sobrepuja os outros.

Com sua diversidade de representações sobre algumas categorias sociais brasileiras, *Memórias* apresenta-se como um instrumento para tecer a desconstrução do imaginário tecido pelos varguistas e pelos militares do pós-64 e nos permite perceber como o cinema pode ser utilizado como uma forma de captar representações sobre a época de sua produção, já que, como registrou Ferro, uma produção fílmica pode dizer-nos muito mais sobre a sociedade que o produziu e recepcionou do que sobre o tempo narrado na história ficcional a que se refere, isso porque, mesmo quando o cineasta não tem intenção de retratar o seu tempo, ele é produto da sociedade em que vive, dela faz parte, comungando de seus imaginários, problemas, e crenças..., seja para combatê-los ou para propagá-los. Logo, um filme pode “*revelar zonas ideológicas e sociais*” das quais o cineasta “*não tinha necessariamente consciência, ou que ele acreditava ter rejeitado*”.<sup>26</sup>

São estas áreas da representação tecida por Graciliano Ramos e Nelson Pereira dos Santos que buscamos perceber a fim de produzirmos uma análise sobre a sociedade brasileira das décadas de 1930 a 1980, captando os projetos e as visões de mundo das várias categorias sociais apresentadas no livro e no filme, percebendo a heterogeneidade destas categorias sociais e que, se um projeto se alçou à hegemonia foi pelo silenciamento de outro, ou outros e não por ser a única via possível de pensamento e/ou ação.

---

<sup>26</sup> FERRO, Marc. *Cinema e História*. R.J.: Paz e Terra, 1992, p. 16.